

# EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)  
Cursos Gerais — Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos  
2000

1.ª FASE  
2.ª CHAMADA

## PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

Antes de iniciar o seu exame, leia atentamente as instruções.  
Esta prova é constituída por 2 (dois) grupos de questões: Grupo I – 3 (três) questões.  
Grupo II – 1 (uma) questão.

A indicação do número de linhas/palavras tem um carácter meramente orientador do grau de desenvolvimento da resposta.

### GRUPO I

#### INSTRUÇÕES, CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO E COTAÇÕES

#### QUESTÕES 1. e 2.

- A sua resposta será classificada atendendo aos seguintes aspectos:
  - rigor da análise do texto;
  - coerência lógica do discurso;
  - utilização precisa da terminologia filosófica;
  - correcção da expressão escrita.
- A mera transcrição de frases do texto implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A inadequação da sua resposta à questão formulada implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.

#### QUESTÃO 3.

- A sua resposta será classificada atendendo aos seguintes aspectos:
  - mobilização adequada do conhecimento da obra;
  - coerência lógica do discurso;
  - utilização precisa da terminologia filosófica;
  - correcção da expressão escrita.
- A não manifestação do conhecimento da obra implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A inadequação da sua resposta à questão formulada implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.

#### COTAÇÃO

1. e 2.	..... (2 × 25 pontos) .....	50 pontos
3.	..... (1 × 70 pontos) .....	<u>70 pontos</u>
<b>Total do Grupo I</b> .....		<b>120 pontos</b>

V.S.F.F.

## GRUPO I

- Cada um dos textos/extractos das obras estudadas que a seguir são apresentados é acompanhado de três questões.
- Seleccione **apenas um** dos textos transcritos e responda às três questões que lhe são colocadas acerca desse texto e da obra a que pertence.
- Na resposta às questões 1. e 2. deverá utilizar, em cada uma, aproximadamente 10 linhas (cerca de 80 palavras).
- Na resposta à questão 3. deverá utilizar, aproximadamente, 40 linhas (cerca de 320 palavras).

O MESTRE, S. Agostinho

### TEXTO

«Por conseguinte, ao dizer coisas verdadeiras, nem sequer o ensino a ele, que intui essas coisas verdadeiras, pois não é ensinado pelas minhas palavras, mas pelas coisas mesmas que lhe são manifestas, descobrindo-lhas Deus interiormente. E assim, se fosse interrogado sobre elas, também ele poderia responder. Que há de mais absurdo do que julgar ser ele ensinado pela minha locução, ele que, se fosse interrogado, antes de eu falar poderia expor essas mesmas coisas? Com efeito, o facto de o interrogado negar alguma coisa, e urgido por outras perguntas a vir a admitir, como frequentemente acontece, isso deve-se à fraqueza da pessoa que contempla, a qual não é capaz de divisar nessa luz a totalidade dum assunto. Leva-se a fazê-lo por partes, ao interrogá-la sobre aquelas mesmas partes que constituem esse conjunto, ao qual ela não conseguia contemplar na totalidade. Se é levada a isso pelas palavras de quem a interroga, estas não são de ensino, mas de inquirição, e feita segundo a medida que tem a pessoa interrogada, de aprender interiormente.

É como se eu te perguntasse isto mesmo de que se está tratando, a saber, se nada se pode ensinar com palavras, e a questão te parecesse absurda à primeira vista, por não a poderes ver no seu conjunto. Neste caso, seria preciso interrogar segundo as forças que tens para ouvir interiormente esse Mestre. E assim eu diria: onde aprendeste aquelas coisas, que ao ouvir-me falar declaras que são verdadeiras, que estás certo delas, e garantes conhecer? Talvez me respondesses ter sido eu que as ensinei. Eu então acrescentaria: se te dissesse que tinha visto um homem a voar, porventura as minhas palavras deixar-te-iam tão certo, como se me ouvisses dizer que os homens sapientes são melhores do que os nescientes? Com certeza negarias, respondendo que o primeiro não o acreditavas, ou que, embora o acreditasses, o ignoravas; mas que o segundo o sabias com absoluta certeza.

Por aqui já entenderias certamente que nada aprenderas com as minhas palavras, nem quanto àquilo que, tendo-o eu afirmado, tu ignorarias, nem quanto ao que sabias perfeitamente.»

*In Opúsculos Selectos da Filosofia Medieval,*  
Braga, Faculdade de Filosofia, 1990, pp. 114-116

### QUESTÕES

1. Esclareça, recorrendo ao texto, a função da locução no processo de ensino.
2. Explique, com base no texto, a afirmação: «nada aprenderas com as minhas palavras, nem quanto àquilo que, tendo-o eu afirmado, tu ignorarias, nem quanto ao que sabias perfeitamente».
3. Explícite de que modo as afirmações do texto se enquadram no conteúdo geral da obra.

## TEXTO

«Como és onnipotente, se não podes todas as coisas? Ou, se não podes ser alterado, nem mentir, nem fazer com que o verdadeiro seja falso, ou com que o que foi feito não tenha sido feito, e outras coisas semelhantes – como podes todas as coisas? Acaso poder estas coisas não é potência, mas impotência? Efectivamente, quem pode estas coisas pode o que lhe não convém e o que não deve; e quanto mais pode coisas destas, tanto mais a adversidade e a perversidade têm poder sobre ele, e ele tanto menos contra elas. Quem, por conseguinte, pode dessa maneira, não o pode por potência, mas por impotência. Na verdade, diz-se que pode, não pelo facto de ele mesmo poder, mas porque, pela sua impotência, faz com que outra coisa tenha poder sobre ele. Ou trata-se de algum outro modo de falar, pois muitas coisas se dizem sem propriedade, como quando se usa -existir, em vez daquilo que é não-existir, e -fazer, em vez daquilo que é não-fazer, ou em vez de nada-fazer. De facto, muitas vezes respondemos a quem nega a existência de determinada coisa: é assim como dizes ser; quando parece que seria mais apropriado responder: não é assim, como dizes não ser. Dizemos igualmente – este está sentado, como faz aquele, ou – este descansa, como faz aquele; quando o estar sentado é uma espécie de não-fazer, e descansar é nada-fazer. De modo semelhante, quando se afirma que alguém tem o poder de fazer ou de suportar o que não lhe convém, ou o que não deve, por [tal] poder entende-se a impotência, pois quanto mais tem esse poder, tanto mais poderosas são contra ele a adversidade e a perversidade, e ele tanto mais impotente contra elas.

Por conseguinte, Senhor nosso Deus, és mais verdadeiramente onnipotente, por isso mesmo que nada podes por semelhante impotência, e que nada podes contra ti.»

*In Opúsculos Selectos da Filosofia Medieval,*  
Braga, Faculdade de Filosofia, 1990, pp. 142-143

## QUESTÕES

1. Esclareça, recorrendo ao texto, que poder algumas coisas é sinal de impotência.
2. Explique, com base no texto, o conceito de onnipotência.
3. Explícite de que modo as afirmações do texto se enquadram no conteúdo geral da obra.

V.S.F.F.

### TEXTO

«Ora é tal a relação da matéria e da dínase [forma], que a dínase dá existência à matéria. Assim, é impossível a matéria existir sem qualquer dínase, mas não é impossível existir alguma dínase sem matéria. Com efeito, a dínase, enquanto dínase, não tem dependência da matéria. Se porém se encontram algumas dínases que não podem existir senão na matéria, isso acontece-lhes na medida em que estão distantes do Princípio Primeiro, que é o Existente [ou “Acto”] primeiro e puro. Por este motivo, as dínases que estão mais próximas do Princípio Primeiro são dínases subsistentes por si mesmas, sem matéria. Na verdade, a dínase considerada segundo toda a perfeição da sua natureza não carece de matéria, como se disse; são dínases destas os superespíritos. Por consequência, não é preciso que as essências ou quididades destes seres sejam outra coisa além da mesma dínase.

Nisto, por conseguinte, difere a essência do ser corporal e do espiritual: a essência do ser corporal não é apenas a dínase, mas abrange a dínase e a matéria; a essência porém do ser espiritual é simplesmente a dínase. E daqui procedem duas outras diferenças. Uma é que a essência do ser material pode significar-se como um todo ou como uma parte, o que acontece por causa da concretização da matéria, como se disse. Por isso, não é de qualquer modo que a essência duma realidade material se indita dessa mesma realidade material; com efeito, não se pode dizer que o homem seja a sua quididade. Ao contrário, a essência duma realidade espiritual, que é a sua dínase, não se pode significar senão como um todo, já que além da dínase nada tem, que seja como que receptáculo da dínase. Por este motivo, de qualquer modo que a essência do ser espiritual se tome, indita-se deste. E assim Avicena afirma que a quididade do ser espiritual é a própria espiritualidade, visto não haver nenhuma outra coisa a recebê-la.

A segunda diferença está em que as essências das realidades materiais, pelo facto de serem recebidas na matéria concretizada, multiplicam-se segundo a divisão desta, de onde vem que alguns seres são iguais quanto à espécie, e diversos quanto ao número. Como a essência espiritual, por sua vez, não é recebida na matéria, não pode haver nela tal multiplicação. Segue-se, por isso, necessariamente que nesses seres não se podem encontrar vários unissingulares da mesma espécie, mas quantos são neles os seres individuais, tantas são as espécies, como expressamente diz Avicena.»

*In Opúsculos Selectos da Filosofia Medieval,*  
Braga, Faculdade de Filosofia, 1990, pp. 224-225

### QUESTÕES

1. Esclareça, segundo o texto, a relação entre dínase e matéria.
2. Explique, com base no texto, a diferença entre a essência de um ser corporal e a essência de um ser espiritual.
3. Explícite de que modo as afirmações do texto se enquadram no conteúdo geral da obra.

### TEXTO

«11. Igual consideração se pode fazer com respeito à iluminação da arte mecânica, cujo fim exclusivo é a produção de objectos artificiais. Nela podemos contemplar estas três coisas: a geração e a encarnação do Verbo, a norma de viver e a união de Deus e da alma. Para isto deve atender-se à produção, ao efeito e ao fruto da dita arte; ou, noutros termos, deve atender-se à arte no trabalhar, à qualidade do efeito produzido pela arte e à utilidade do fruto obtido.

12. Se considerarmos a produção, poderemos ver que o efeito mecânico procede do artífice por meio da semelhança existente na sua mente, pela qual o artífice concebe a sua obra antes de produzi-la, e em seguida produ-la como a ideou. O artífice executa a obra exterior conforme ao exemplar interior, como melhor pode; e, se lhe fosse possível produzir um efeito tal que pudesse amar e conhecer o seu autor, certamente o faria; e, se esse efeito conhecesse o seu autor, isto só poderia dar-se por meio daquela semelhança à imitação da qual procedeu do artífice; e, se esse mesmo efeito tivesse ofuscado os olhos do conhecimento, de sorte que não pudesse elevar-se sobre si, necessário seria, para vir a ter conhecimento de seu autor, que a semelhança, pela qual dito efeito foi produzido, se abaxasse até assumir uma natureza tal que pudesse ser compreendida e conhecida por ele. Do mesmo modo hás-de entender que nenhuma criatura procedeu do supremo Artífice senão por meio do Verbo eterno “no qual tudo dispôs” e pelo qual não só produziu criaturas que têm razão de *vestigio*, mas ainda razão de *imagem*, a fim de poderem assemelhar-se a ele pelo conhecimento e pelo amor. Mas, porque a criatura racional, por causa do pecado, tem obscurecido o olho da contemplação, foi muito conveniente que o eterno e invisível se fizesse visível e tomasse a forma de carne, para nos reconduzir ao Pai. Isto é o que se diz no capítulo 14 do Evangelho de S. João: “Ninguém vem ao Pai senão por mim”; e no capítulo II do Evangelho de S. Mateus: “Ninguém conhece o Pai senão o Filho, e a quem o Filho quiser revelar”. E por isto mesmo se diz “o Verbo feito carne”. Considerando, pois, a iluminação da arte mecânica quanto à produção da obra, intuiremos aí o Verbo gerado e encarnado, isto é, a divindade e a humanidade, e a integridade total da fé.»

Coimbra, Atlântida, 1970, pp. 33-35

### QUESTÕES

1. Esclareça, segundo o texto, o conceito de arte mecânica.
2. Explique, com base no texto, de que modo é possível intuir o Verbo gerado e encarnado na iluminação da arte mecânica.
3. Explícite de que modo as afirmações do texto se enquadram no conteúdo geral da obra.

V.S.F.F.

**TEXTO**

«14 – *Pode-se demonstrar que há um Deus, apenas porque a necessidade de ser ou de existir está compreendida em a noção que temos dele*

Quando, posteriormente, passa em revista as diversas ideias ou noções que estão em si, e encontra a noção de um ser onisciente, todo-poderoso e extremamente perfeito, ajuíza facilmente, através do que apreende em tal ideia, que Deus, que é esse Ser todo perfeito, é ou existe. Com efeito, embora o pensamento possua distintas ideias de muitas outras coisas, não encontra aí nada que lhe certifique a existência do seu objecto; ao passo que observa nessa ideia não somente uma existência possível, como nas outras, mas uma absolutamente necessária e eterna. E, como vê que, na ideia que fez do triângulo, se encontra estabelecido que os seus três ângulos são iguais a dois ângulos rectos, persuade-se, de forma absoluta, de que o triângulo possui três ângulos iguais a dois rectos: por isso que se apercebe de que a existência necessária e eterna está compreendida na ideia de um Ser perfeito, deve concluir que um tal Ser, todo perfeito, é ou existe.

15 – *Que a necessidade de ser não está assim compreendida em a noção que temos das outras coisas, mas somente em o poder ser*

Ainda poderá melhor o pensamento assegurar-se da verdade desta conclusão, prevenindo-se de que não possui em si a ideia ou a noção de nenhuma outra coisa em que possa reconhecer uma existência que seja assim absolutamente necessária. Porque, só por isso saberá que a ideia de um Ser todo perfeito não é em si uma ficção, como a representada por uma quimera mas que, pelo contrário, porque ela está aí gravada por uma natureza imutável e verdadeira, e que necessariamente deve existir, porquanto unicamente pode ser concebida como tendo existência necessária.»

Lisboa, Guimarães Editores, 1984, pp. 64-65

**QUESTÕES**

1. Esclareça, com dados do texto, o carácter de necessidade do argumento nele exposto.
2. Explique, com base no texto, a noção de ideias inatas, exemplificando com duas nele referidas.
3. Explícite de que modo as afirmações do texto se enquadram no conteúdo geral da obra.

### TEXTO

«Ou o poder civil pode mudar tudo em matéria de religião, de acordo com a opinião do príncipe, ou nada pode. Se for permitido introduzir alguma coisa nos assuntos sagrados, mediante a lei, a força, os castigos, em vão se procurará uma medida para tais processos; será permitido tudo o que se ajusta à norma da verdade, que o magistrado para si determinou, e que será exigida com as mesmas armas. Nenhum homem deve ser privado dos bens terrestres por causa da religião; os americanos, súbditos de um príncipe cristão, não devem ser privados da vida ou dos seus bens, se não abraçarem a religião cristã. Se acreditarem que agradam a Deus e serão salvos pelos ritos dos seus pais, devem ficar entregues a si próprios e a Deus. Retomarei a questão desde o início. Uma pequena e insignificante multidão de cristãos chega a um país pagão; falta-lhes tudo: os estranhos pedem aos indígenas, homens pedem aos homens, como é justo, uma ajuda para sobreviver: o necessário é-lhes dado, são-lhes concedidas terras; os dois povos fundem-se num só. A religião cristã lança raízes, espalha-se, ainda não é mais forte; ainda se cultiva a paz, a amizade, a lealdade; e direitos iguais são salvaguardados: por fim, com a passagem do magistrado para o seu lado, os cristãos tornam-se mais fortes; então, os pactos são calcados aos pés, os direitos violados, a fim de expulsar a idolatria, e se todos estes inocentes pagãos, tão respeitadores do direito, não quiserem abandonar os seus ritos antigos e adoptar novos e estranhos, devem ser privados da vida, dos seus bens e terras ancestrais, embora não pequem nem contra os bons costumes, nem contra a lei civil; e, por fim, constata-se o que o fanatismo por uma igreja, aliado ao desejo de dominar, aconselha abertamente; e com que facilidade a religião e a salvação das almas servem de pretexto à rapina e à ambição.»

Lisboa, Edições 70, 1996, pp. 109-110

### QUESTÕES

1. Identifique os critérios, apresentados no texto, que permitem a cada um, em matéria de salvação, seguir o seu caminho.
2. Esclareça, com base no texto, a causa da intolerância religiosa.
3. Explícite de que modo as afirmações do texto se enquadram no conteúdo geral da obra.

V.S.F.F.

114/7

## TEXTO

**«34 – Da diferença dos espíritos e outras substâncias, almas ou formas substanciais; e que a imortalidade que se procura implica a recordação.**

Supondo que os corpos que constituem *unum per se*, como o homem, são substâncias, e que têm formas substanciais, e que os animais têm almas, é forçoso reconhecer que essas almas e essas formas substanciais não poderiam perecer inteiramente, como também não os átomos ou as últimas partes da matéria, na opinião de outros filósofos; pois nenhuma substância perece, embora possa converter-se noutra. Exprimem também todo o universo, se bem que mais imperfeitamente do que os espíritos. Mas a principal diferença é que não conhecem o que são nem o que fazem, e, por conseguinte, sem poder reflectir, não poderiam descobrir verdades necessárias e universais. Também por falta de reflexão sobre si mesmas não têm qualidade moral, donde se segue que, passando por mil transformações, pouco mais ou menos como vemos que uma lagarta se converte em borboleta, para a moral ou prática é tanto como se se dissesse que perecem, e pode dizer-se inclusive fisicamente, como dizemos que os corpos perecem devido à sua corrupção. A alma inteligente, porém, que conhece o que é e pode dizer esse *eu*, que diz muito, não só permanece e subsiste metafisicamente, muito mais do que as outras, mas também permanece moralmente a mesma e constitui a mesma personagem. Pois é a recordação, ou o conhecimento deste *eu*, que a torna capaz de castigo ou de recompensa. Igualmente a imortalidade que se procura na moral e na religião não consiste só na subsistência perpétua, que convém a todas as substâncias, pois, sem a recordação do que se foi, ela não teria nada de desejável. Suponhamos que algum particular tem de converter-se, de repente, em rei da China, mas com a condição de esquecer tudo o que foi, como se acabasse de nascer de novo; não é, na prática ou quanto aos efeitos de que é possível aperceber-se, como se ele houvesse de ser aniquilado para, no mesmo instante e em seu lugar, se criar um rei da China? O que este particular nenhuma razão tem para o desejar.»

Lisboa, Edições 70, 1985, pp. 81-83

## QUESTÕES

1. Caracterize, com base no texto, as formas substanciais não inteligentes.
2. Esclareça, com razões do texto, como é constituída a pessoa e o que a diferencia das outras substâncias.
3. Explícite de que modo as afirmações do texto se enquadram no conteúdo geral da obra.



TEXTO

«Observamos de facto que, quanto mais uma razão cultivada se consagra ao gozo da vida e da felicidade, tanto mais o homem se afasta do verdadeiro contentamento; e daí provém que em muitas pessoas, e nomeadamente nas mais experimentadas no uso da razão, se elas quiserem ter a sinceridade de o // confessar, surja um certo grau de *misologia*, quer dizer, de ódio à razão. E isto porque, uma vez feito o balanço de todas as vantagens que elas tiram, não digo já da invenção de todas as artes do luxo vulgar, mas ainda das ciências (que a elas lhes parece no fim e ao cabo serem também um luxo do entendimento), descobrem contudo que mais se sobrecarregaram de fadigas do que ganharam em felicidade, e que, por isso, finalmente invejam mais do que desprezam os homens de condição inferior que estão mais próximos do puro instinto natural e não permitem à razão grande influência sobre o que fazem ou deixam de fazer. E até aqui temos de confessar que o juízo daqueles que diminuem e mesmo reduzem a menos de zero os louvores pomposos das vantagens que a razão nos teria trazido no tocante à felicidade e ao contentamento da vida, não é de forma alguma mal-humorado ou ingrato para com a vontade do governo do mundo, mas que na base de juízos desta ordem está oculta a ideia de uma outra e mais digna intenção da existência, à qual, e não à felicidade, a razão muito especialmente se destina, e à qual, por isso, como condição suprema, se deve subordinar em grandíssima parte a intenção privada do homem.

Portanto, se a razão não é apta bastante para guiar com segurança a vontade no que respeita aos seus objectos // e à satisfação de todas as nossas necessidades (que ela mesma – a razão – em parte multiplica), visto que um instinto natural inato levaria com muito maior certeza a este fim, e se, no entanto, a razão nos foi dada como faculdade prática, isto é, como faculdade que deve exercer influência sobre a *vontade*, então o seu verdadeiro destino deverá ser produzir uma *vontade*, não só *boa* quiçá como *meio* para outra intenção, mas uma *vontade boa em si mesma*, para o que a razão era absolutamente necessária, uma vez que a natureza, de resto, agiu em tudo com acerto na repartição das suas faculdades e talentos. Esta vontade não será, na verdade, o único bem nem o bem total, mas terá de ser contudo o bem supremo e a condição de tudo o mais, mesmo de toda a aspiração de felicidade.»

BA 5-7, Lisboa, Edições 70. 1992, pp. 24-26

QUESTÕES

1. Explícite as razões apresentadas no texto que conduzem a «um certo grau de *misologia*, quer dizer, de ódio à razão».
2. Esclareça o papel atribuído, no texto, à razão.
3. Explícite de que modo as afirmações do texto se enquadram no conteúdo geral da obra.

V.S.F.F.

114/9

**GRUPO II**  
**CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO, INSTRUÇÕES E COTAÇÕES**

- A sua resposta será classificada atendendo aos seguintes aspectos:
  - apresentação do plano organizador;
  - adequação do desenvolvimento ao plano;
  - pertinência da selecção de conhecimentos da obra para o tratamento do tema;
  - posicionamento crítico/problematizador;
  - coerência lógica do discurso;
  - utilização precisa da terminologia filosófica;
  - correcção da expressão escrita.
- A não identificação do tema e da obra implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A opção por um par obra-tema diferente dos que são apresentados na prova implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A inadequação da sua resposta à questão formulada implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Na sua resposta deverá:

- indicar o par obra-tema que seleccionou;
- apresentar um plano organizador;
- expor o modo como o tema é tratado na obra;
- posicionar-se de uma forma crítica/problematizadora perante o tratamento que lhe foi dado pelo autor na obra;
- utilizar aproximadamente 80 linhas (cerca de 640 palavras).

**COTAÇÃO**

..... (1 × 80 pontos) .....	80 pontos
<b>Total do Grupo II</b> .....	<u>80 pontos</u>

## GRUPO II

### QUESTÃO

Selecione **apenas uma** das obras que lhe é proposta e desenvolva o tema anexo.

#### OBRAS

#### TEMAS

DA NATUREZA, Parménides .....	O ser e o devir
GÓRGIAS, Platão .....	Retórica e verdade
FÉDON, Platão .....	Estatuto gnosiológico da razão e dos sentidos
CATEGORIAS, Aristóteles.....	As palavras e as coisas
INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA, G. W. F. Hegel.....	Filosofia e liberdade
TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental.....	Liberdade e necessidade
A ORIGEM DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche.....	Homem teórico e artista trágico
DA CERTEZA, L. Wittgenstein .....	Dúvida e cepticismo
ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty .....	Relação do filósofo com os outros
OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell .....	Estatuto dos sentidos
A PROBLEMÁTICA DA SAUDADE, Joaquim de Carvalho..	Saudade e conhecimento intelectual
DA ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger.....	Filosofia e verdade
TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricoeur .....	A relação explicar-compreender

## FIM

#### COTAÇÕES

GRUPO I .....	120 PONTOS
GRUPO II .....	80 PONTOS
<b>TOTAL</b> .....	<b>200 PONTOS</b>